



CORPO DE DELITO

Ufa, afinal é tudo uma questão de vitamina D

A grande preocupação de muitos não se prende com os afetos, a economia, a política, a saúde, a justiça ou a educação, mas com a praia.



Rui Patrício

Os últimos dias foram de grande alívio para mim, quase de felicidade, e quero partilhar isso com os leitores (admitindo que os tenho, claro, e entre família e amigos pelo menos alguns se arranjarão). Antes houve dois meses difíceis, angustiantes, de preocupação, *et cetera*, para mim e para todos, e para muitos seguramente bem mais do que para mim – que a vida custa a todos, mas não custa, evidentemente, da mesma forma. E quando as coisas começaram a aliviar um pouco, eu não fiquei muito menos angustiado nem preocupado. Só um bocadinho, mas devo dizer, *mea culpa*, que maio, que já leva mais de metade cumprida, não foi um mar de descontração. Nada disso. Muito tenho remoinho sobre a morte, a doença, a pobreza, a solidão, a angústia, a velhice – coisas que sempre aí estão, mas que esta situação que temos vivido veio exacerbar. E, olhando para diante, angustiava-me a incerteza sobre o que vai acontecer, para onde vamos, como vamos. Quantos perderão



A praia vai ter *numerus clausus*?

emprego, quantos adoecerão, o que mudará nas nossas vidas, que caminhos tudo isto abre para sombras e perigos que já se anunciavam? *Et cetera*. E em coisas mais comezinhas, mas não menos importantes, antes pelo contrário, andava eu preocupado em saber quando podem os filhos e os netos abraçar os pais e os avós, e vice-versa. E quando podemos nós, como diria um grande amigo, agarrar a mão dos nossos mortos no momento em que se vão. E também muito me tem tirado o sossego saber se é preciso cortar aqui ou ali e em quem e como, e quanto, e se há emprego, se há economia, se há meios de subsistência, e que futuro há e como será. E nem falo de mim mesmo, do que me tem faltado e falta, dos meus e das pontes e caminhos da vida subitamente cortados ou colocados em suspenso.

Nada disso importa muito, realmente, e nos últimos tempos tenho aprendido que me preocupo em demasia. Nunca é tarde para aprender, de facto. Pelo que tenho visto, ouvido e lido, a grande preocupação de muitos dos meus concidadãos não se prende com os afetos, a economia, a política, a saúde, a justiça ou a educação. A grande preocupação, o alfa e o ómega, o norte e o sul, a grande medida da interrogação prende-se com a praia. Deus meus, a praia! Em que condições poderemos ir à praia? Já há regras para a praia? Tem semáforos? Tem polícias? Tem pré-marcação? E *numerus clausus*? E a quantos metros cada um tem de estar do outro? Chapéu-de-sol, pode-se levar? E a água, será perigosa? Posso mergulhar? E bolas-de-berlim, pode ser? Bronzeador, tem de ter álcool? Não podemos mesmo jogar à bola? E como estamos de esplanadas? Ai, aquele pôr-do-sol sem uma esplanada não é a mesma coisa.

A praia, pois é. Como é que não me ocorreu a praia, no meio das minhas preocupações? Óbvio, questão fulcral, determinante, essencial. A verdadeira salvação pós-covid. Devo mesmo estar com falta de vitamina D. Só pode ser. Ora, o emprego, os lares, os velhos, os afetos, a saúde, a solidão, o Estado e a cidadania. Blá-blá-blá. Tretas, só metafísica, muita metafísica, coisas de gente complicada, como pensaria o Esteves, o de "Tabacaria". A praia é que é. Desde que o descobri, estou muito aliviado. E grato. Já respirei fundo, já preparei tudo, anseio agora por saber quais serão as regras definitivas para poder pôr-me a caminho da praia, a nova Jerusalém. E, antes cedo que tarde, venha lá o raiozinho de sol. Caramba, já é tempo, é quase junho.

Escreve quinzenalmente à sexta-feira